



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO CATÓLICA
INTERNACIONAL DAS INSTITUIÇÕES
DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (A.C.I.S.E.)**

18 de Abril de 1998

Ilustres Senhores Gentis Senhoras!

1. Muito me alegra este encontro, que me oferece a oportunidade para enfrentar um tema importante como o do empenho educativo, para cuja reflexão estais reunidos neste Congresso, com a participação de inúmeros peritos nessa fundamental matéria.

Dirijo a todos a minha saudação cordial, com um particular pensamento de gratidão ao Prof. Giuseppe Dalla Torre que, ao interpretar os sentimentos dos Colegas, ilustrou de maneira eficaz os trabalhos do vosso Congresso.

A «educabilidade» é, sem dúvida, uma dimensão que caracteriza o homem e põe em relevo a sua riqueza psicológica, que é tal que lhe consente um progresso perfectivo sem limites. O facto de poder dirigir-me esta manhã não só a educadores, mas a teóricos da educação, leva-me a fazer referência a alguns aspectos menos previstos deste argumento complexo, que tanto relevo reveste na vicissitude de todo o ser humano.

2. Queria deter-me a reflectir convosco sobre o complexo tema da investigação neste âmbito delicado. A vossa investigação tem regras precisas e próprias, as quais contudo alcançam escassamente o carácter objectivo. O termo que melhor as exprime e as sintetiza poderia ser o de «seriedade»: a investigação no campo educativo deve ser conduzida com uma seriedade que não se limite à simples correcção dos meios, ao carácter exaustivo das análises ou à fidelidade no acesso às fontes. Seriedade significa sobretudo resoluta e consciente responsabilidade pessoal no uso dos métodos disponíveis neste campo.

Basta algum aceno rápido: na avaliação dos resultados operativos da vossa investigação os tempos são improgramáveis; as verificações negativas não são, infelizmente, imediatas, de maneira que se possa intervir e reparar; as verificações positivas revelam-se tais só depois que as variáveis fizeram o seu curso. Como não reconhecer, à luz destas múltiplas incógnitas, a exigência de uma singular «seriedade» no pesquisador que enfrenta um estudo tão problemático?

Na peculiaridade da vossa pesquisa é central a adequação da abordagem do objecto, constituída pelo mistério do homem com os seus valores históricos e metastóricos. A abordagem deverá ser tal que consinta o pleno desabrochar do espírito humano, que traz em si também a capacidade de se abrir à transcendência.

3. A seriedade no desenvolvimento da investigação impõe também que se resista ao fascínio da adopção de parâmetros restritos ou de formas científicas desapropriadas ao objecto. Quando versa sobre o homem e o desenvolvimento das suas capacidades de aperfeiçoamento, embora entre dificuldades de condicionamentos de todo o tipo, a pesquisa não pode abaixar o próprio tom, nem consentir atalhos mortificantes.

Vós sabeis, aliás, que estais «empenhados», não só na investigação sobre a pessoa, mas também no esforço de serdes vós mesmos pessoas bem sucedidas. A vossa investigação, de facto, não é solitária: desenvolve-se e exprime-se na co-presença das componentes da realidade universitária: professores e estudantes. Nos exórdios da Academia um singular modo de conviver era considerado momento alto do processo educativo: era banco de prova também para a autenticidade humana do mestre, enquanto ao discípulo era dada a ocasião para divisar, «encarnados» nele, valores e ideais com os quais entrar numa sinergia corroborante.

Todo aquele que se dedica ao estudo teórico ou à aplicação prática da missão educativa, não pode deixar de se sentir empenhado em propor em si uma humanidade bem sucedida, para se tornar assim uma pessoa da qual transparece o esplendor do humano, uma pessoa que, com o seu testemunho de vida antes ainda que com a sua cultura, envolva outros na plena realização de si.

4. Dois obstáculos, em particular, podem deter ou desviar o esforço educativo. Antes de tudo, existe o perigo de finalizar a investigação ao sucesso efémero. Se isto é sempre inconveniente, com maior intensidade se torna quando se trata da verdade sobre o homem, o seu viver e o seu morrer, a sua alegria e a sua dor. Aqui não se podem admitir de modo algum concessões oportunistas nem atitudes utilitaristas. A investigação sobre o homem tem sempre algo de sagrado, que lhe proíbe qualquer instrumentalização.

Outro perigo do qual é necessário precaver-se, é constituído pelo fascínio fatal do poder. O olho interior é incapaz de perceber o profundo valor do humano e de respeitar a sua sacralidade misteriosa, se é ofuscado pelo brilho do poder: para ser compreendido, o homem deve ser avizinhado com real atitude de serviço. Não se pode servir o homem e ser escravo da sedução do poder. Daí resultaria desatenção ao ser humano, precisamente lá onde se diz que se quer investigar o seu valor, para estimular as actuações que melhor correspondem à qualidade do viver pessoal e do viver associado.

5. Ilustres Senhores e gentis Senhoras, o serviço atento ao homem, o empenho quotidiano para que progressivamente

ele ponha em prática o desígnio que traz em si, é missão árdua, por vezes até mesmo impopular, mas é o meio para assegurar o espaço no qual o eterno que existe no homem possa encontrar a sua expansão adequada.

A missão educativa comporta sempre um serviço exigente, duro e rigoroso. Ter escolhido este âmbito de estudo e esta profissão é, portanto, empenho nobre e digno do máximo apreço. De bom grado aproveito esta ocasião para vos exprimir toda a minha estima e, ao dirigir-vos o meu mais cordial encorajamento a perseverar não obstante as dificuldades na tarefa assumida, desejo assegurar-vos da minha especial oração para que não vos falte do Alto a ajuda necessária.

Acompanho estes votos com uma especial Bênção, que faço extensiva também a todos aqueles a quem se dirigem as vossas solitudes de estudo e de ensinamento.